

Do lado de dentro do hospício: a escrita em forma de denúncia de Nellie Bly e Maura Lopes Cançado

**Inside the hospice: the writing in the form of a complaint by Nellie Bly e Maura
Lopes Cançado**

Edivaldo Rafael de Souza

(Graduado em História – UNIPAM e
docente na Secretaria Estadual de Educação/MG)

Resumo

A partir da análise bibliográfica do livro *Ten Days in A Mad-House*¹ escrito pela jornalista estadunidense Nellie Bly e da obra *Hospício é Deus – diário I* de autoria da escritora brasileira Maura Lopes Cançado, este artigo analisa e discute como era o tratamento mental durante os séculos XIX e XX, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil. As obras destacadas são muito importantes para a compreensão do tema, uma vez que tanto Nellie Bly quanto Maura Lopes Cançado escreveram seus livros enquanto estavam internadas em hospícios. A presente pesquisa possibilitou, ainda, um maior reconhecimento de ambas as autoras.

Palavras-chave: Nellie Bly. Maura Lopes Cançado. Hospícios.

Abstract:

From the bibliographic analysis of the book *Ten Days in A Mad-House* written by the American journalist Nellie Bly and of the work *Hospício é Deus - daily I* authored by the Brazilian writer Maura Lopes Cançado, this article analyzes and discusses how the mental treatment was during the 19th and 20th centuries, mainly in the United States and Brazil. Being that, the outstanding works are very important for the understanding of the subject, since both Nellie Bly and Maura Lopes Cançado wrote their books while they were interned in hospices. In addition, through this research can be a greater recognition of both authors.

Keywords: Nellie Bly. Maura Lopes Cançado. Hospices.

1 Esse livro não se encontra traduzido para a Língua Portuguesa; por isso, o autor da pesquisa utilizou-se de tradução própria. As citações originais estão em notas de rodapé.

Considerações iniciais

Gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite, em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos Presídios. Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo (CANÇADO, 1979, p. 60).

Esta pesquisa utiliza-se da escrita em forma de denúncia da jornalista estadunidense Nellie Bly (1864-1922) e da escritora brasileira Maura Lopes Cançado (1929-1993). Em 1887 Nellie Bly internou-se em um hospital de “alienados” localizado na Ilha de Blackwell, cidade de Nova York, com o intuito de escrever uma reportagem investigativa para o jornal *The New York World*, no qual trabalhava; a referida matéria divulgava como era o tratamento aos pacientes dentro da instituição. Posteriormente, a sua reportagem viria a ser publicada também como livro, intitulado *Ten Days in A Mad-House* (1887). Já a escritora Maura Lopes Cançado internou-se por conta própria em diversos hospitais psiquiátricos a fim de se isolar do mundo e obter tratamento para os seus problemas mentais, dos quais sofria desde criança. Em 1958-1959, enquanto estava internada no hospital Gustavo Riedel, na cidade do Rio de Janeiro, escreveu o livro *Hospício é Deus – diário I*, no qual discorre em forma de diário sobre os maus tratos e as experiências que teve dentro da instituição.

O principal objetivo deste trabalho foi analisar os dois livros supracitados e compreendê-los como sendo importantes para um melhor entendimento a respeito de como eram os hospícios durante os séculos XIX e XX tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Para isso, lançou-se mão da escrita de Nellie Bly e de Maura Lopes Cançado, trabalhando-as entre aproximações e distanciamentos.

Os livros *Ten Days in A Mad-House* (1887) e *Hospício é Deus – diário I* (1965), foram analisados e compreendidos aqui sob a perspectiva de como era o tratamento ofertado aos pacientes que se encontravam do lado de dentro do hospício. O levantamento desta pesquisa possibilitou uma maior compreensão de como se estabeleciam as relações entre equipe dirigente e pacientes dentro das instituições psiquiátricas, bem como permitiu um maior conhecimento da vida e da obra de Nellie Bly e de Maura Lopes Cançado.

É importante frisar que, durante o período abordado no texto, as instituições para tratamento mental eram vistas pela sociedade como sendo essenciais para a cura dos indivíduos acometidos por transtornos. Um importante fator que contribuía para tal pensamento da parte dos familiares e amigos dos internos, por exemplo, era o fato de que do lado de fora dos hospitais psiquiátricos as sensações de aconchego e acolhimento estavam sempre sendo ressaltadas: o lado externo era muito bem cuidado, quase sempre tendo jardins, nos quais os pacientes podiam receber suas visitas. Assim, toda a engrenagem na tentativa de manipular os visitantes, geralmente, surtia efeito, pois quase todos voltavam para as suas casas cientes que estavam ajudando os entes queridos. Porém, do lado de dentro do hospício, o tratamento era bem diferente.

Não obstante, ao tratar da temática que aborda os hospícios, deve-se levar em consideração que

[p]oucos, dentre os vários sujeitos anônimos ou famosos, que foram internados e viveram curtos ou longos períodos em asilos ou hospitais psiquiátricos, relataram em escritos (na forma de bilhetes, cartas, poesias, diários, romances, etc.), em imagens (desenhadas no que encontravam pela frente, nas paredes das instituições, em telas ou papéis oferecidos nas *oficinas terapêuticas*) ou mesmo por meio da fala (capturada em gravações) suas experiências no interior das instituições (WADI, 2010, p. 331).

Diante disso, ressalta-se a importância do uso dessas fontes na área da história, a fim de se desenvolver novas pesquisas que estejam em torno do tema sobre tratamento mental.

Uma breve discussão sobre os hospitais psiquiátricos durante os séculos XIX e XX

Quando se analisa a forma como eram vistos os doentes mentais durante os séculos XIX e XX, pode-se verificar que, na maioria das vezes, a função exercida pelas instituições psiquiátricas ia além da simples função médica. Isso porque estas eram utilizadas também para agrupar um grande número de pessoas que não se encaixavam naquilo que a sociedade ditava ser o comportamento correto de agir e/ou pensar durante aquele período. Dessa forma, a criação de novos hospícios gerava impacto em diversas esferas da sociedade, inclusive nas esferas política e econômica. Além disso, quando surge a criação do rótulo de “louco” “(...)”, enquanto personagem

representante de risco e periculosidade social, inaugura a institucionalização da loucura pela medicina e a ordenação do espaço hospitalar por esta categoria profissional” (AMARANTE, 1995, p. 24).

Vale ressaltar que desde a Idade Média já haviam sido criados locais para o depósito de “alienados”, ou seja, para pessoas que não conseguiam se enquadrar naquilo que era convencionado pela sociedade. Conquanto,

[a] partir da segunda metade do Século XIX, a psiquiatria – assim como outros saberes do campo social – passa a ser um imperativo de ordenação dos sujeitos. Neste contexto, a psiquiatria seguirá a orientação das demais ciências naturais, assumindo um matiz eminentemente positivista. Um modelo centrado na medicina biológica que se limita em observar e descrever os distúrbios nervosos intencionando um conhecimento objetivo do homem (AMARANTE, 1995, p. 26).

Nesse sentido, surgiam cada vez mais métodos que eram testados nos internos. Dentre eles, o uso da eletroconvulsoterapia e outras formas de violação ao indivíduo. Assim, os novos mecanismos que foram incorporados ao tratamento acabaram contribuindo para que os pacientes ficassem cada vez mais manipulados pelas instituições psiquiátricas. Magnani (2008, p. 29), explica que “[s] e a loucura era vista como desordem e desrazão, ela insurgia contra a ordem social, involuntariamente”. Por isso, tentava-se controlar esses indivíduos em locais em que eles estivessem reunidos, agrupados. Daí a prática de internação em hospícios.

A gama de internos foi ficando cada vez mais diversificada, pois o tratamento não se restringia aos doentes mentais, mas também às pessoas que sofriam com outros problemas: álcool e drogas, por exemplo. Um desses casos foi o do escritor brasileiro Lima Barreto, que em 1914 acabou sendo internado pelo próprio irmão no Hospital Nacional de Alienados, a causa foi o uso excessivo de bebida alcoólica. Em seu diário do hospício², Barreto escreveu sobre o tratamento dentro da instituição. De acordo com o autor.

[o]s guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem (BARRETO, 2017, p. 66).

² Para saber um pouco mais sobre a trajetória de *Lima Barreto* dentro da instituição de alienados, ver: BARRETO, 2017. Olhar também: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Os maus tratos aos pacientes foram utilizados em diversas instituições no Brasil e também em outros países. Levando isso em conta, contudo, a partir de 1960, houve o

(...) aparecimento de uma série de questionamentos à instituição psiquiátrica, alguns mais radicais, contestando a legitimidade dos próprios objetivos e o saber da especialidade, outros menos, originados em seu próprio interior, visando a recuperá-la ou modernizá-la (LOUGON, 2006, p. 84).

Sabe-se que “[e] sta prática crítica à psiquiatria tradicional tem início na década de 60, no manicômio de Gorizia, com um trabalho de humanização do hospital, desencadeado por Franco Basaglia³” (AMARANTE, 1995, p. 47). A partir desse fato, pode-se afirmar que as denúncias a instituições degradantes em regime de internato percorreram, então, o mundo.

No Brasil, é possível citar o Hospital Colônia de Barbacena⁴, que mantinha milhares de pessoas reclusas em condições subumanas. O psiquiatra italiano citado neste estudo fez uma visita ao hospício e o comparou a um campo de concentração. Entrementes, existiam também várias outras instituições brasileiras para doentes mentais que agiam de forma semelhante.

Em outros países também já haviam sido realizadas pesquisas e denúncias em relação aos hospitais psiquiátricos; a saber, “[e] m 1955, nos Estados Unidos, é realizado um censo que denuncia as péssimas condições da assistência psiquiátrica, apontando para a necessidade de medidas saneadoras urgentes” (AMARANTE, 1995, p. 36). Esse censo foi decisivo para que, alguns anos mais tarde, o presidente John Kennedy assinasse um decreto⁵ a fim de que houvesse melhorias no sistema de saúde mental estadunidense.

A partir de 1970, principalmente no Brasil, “(...) muitos grupos têm lutado por melhores condições no tratamento psiquiátrico, questionando inclusive o monopólio da

3 “*Franco Basaglia* era médico e psiquiatra, e foi o precursor do movimento de reforma psiquiátrica italiano conhecido como Psiquiatria Democrática. Nasceu no ano de 1924 em Veneza, Itália, e faleceu em 1980”. Fonte: *Quem foi Franco Basaglia?* Site da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/etica/temas_atuais/luta-antimanicomial-franco.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

4 A jornalista Daniela Arbex escreveu um importante livro sobre o *Hospital Colônia de Barbacena*, ver: ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

5 Em relação ao decreto assinado por Kennedy, ver: AMARANTE, 1995.

Psiquiatria com relação à decisão de trancafiar ou não determinados pacientes” (RIBEIRO, 2010, p. 177). Dentre esses grupos, encontra-se o grupo da luta antimanicomial, cujo objetivo fundamental é o fechamento de manicômios. Todavia, como explica Lougon (2006, p. 98), “[o]s impasses ocorrem, e o processo de mudança não se faz linear e homoganeamente, mas com avanços e retrocessos, consensos e conflitos, com momentos de maior ou menor segurança da equipe quanto ao novo modelo, quanto à para onde ir”.

No Brasil, depois de amplos debates, reuniões e conferências para discutir sobre o tema, conforme Amarante (1995, p. 83), “[a] partir da criação dos primeiros CAPS e NAPS⁶, o ministério da saúde regulamentou a implantação e o financiamento de novos serviços desta natureza, tornando tais serviços modelo para todo o país (...)”. Todavia, “é interessante constatar que o modelo clássico da psiquiatria foi tão amplamente difundido, que influencia a prática psiquiátrica até os nossos dias – apesar de terem surgido outros tantos modelos” (AMARANTE, 1995, p. 26).

Ademais, na atualidade, houve muitos avanços no tratamento mental, uma vez que há trabalhos contínuos que buscam melhores formas de oferecer ajuda aos pacientes e aos familiares. Uma importante contribuição a ser destacada no cenário brasileiro em relação a tais avanços trata-se da aprovação da Lei nº. 10.216, de 6 de abril de 2001⁷, que ficou conhecida como Lei Antimanicomial.

6 Os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e os NAPS (Núcleos de Atenção Psicossocial) “(...) são atualmente regulamentados pela Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002 e integram a rede do Sistema Único de Saúde, o SUS. Essa portaria reconheceu e ampliou o funcionamento e a complexidade dos CAPS, que têm a missão de dar um atendimento diuturno às pessoas que sofrem com transtornos mentais severos e persistentes, num dado território, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, com o objetivo de substituir o modelo hospitalocêntrico, evitando as internações e favorecendo o exercício da cidadania e da inclusão social dos usuários e de suas famílias.” *Fonte: Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Ministério da Saúde. Brasília, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 15 abr. 2018.

7 Lei Nº 10.216, 6 de abril de 2001: Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Fragmentos da vida de Nellie Bly e de Maura Lopes Cançado⁹

A jornalista estadunidense Elizabeth Cochran Seaman, mais conhecida como pseudônimo Nellie Bly, nasceu no dia 5 de maio de 1864 em Cochran's Mills, Pensilvânia. Desde jovem, começou a escrever reportagens para jornais locais. Assim, após chamar a atenção da imprensa, foi trabalhar no jornal *Pittsburgh Dispatch*. Dentre os artigos que escreveu nesse período, destacam-se alguns sobre os direitos das mulheres, das trabalhadoras e também da população pobre. Posteriormente, ela acabou indo para o México, local em que trabalhou como correspondente, escrevendo também artigos que foram publicados no jornal. Mais tarde, em 1888, as suas experiências naquele país seriam publicadas no seu livro, *Six Months in México*.

Em 1887, Nellie Bly conseguiu uma vaga para trabalhar no *The New York World*¹⁰, onde seria responsável por executar reportagens investigativas, entre as quais a matéria sobre um asilo de doentes mentais estava listada. Em 1887, as experiências da jornalista foram publicadas também em seu livro intitulado *Ten Days in A Mad-House*. Além disso, a escritora, sob o pseudônimo de Nellie Bly, também escreveu outras obras: *The Mystery of Central Park* (1889) e *Around the World in Seventy-Two Days* (1890). Os seus livros fizeram muito sucesso, visto que ficaram conhecidos em muitos países. A jornalista faleceu em 27 de janeiro de 1922 aos 57 anos de idade, em decorrência de uma pneumonia.

A escritora brasileira Maura Lopes Cançado nasceu no dia 27 de janeiro de 1929 em São Gonçalo do Abaeté, Minas Gerais. Desde os sete anos de idade a futura escritora sofria com crises epilépticas. Posteriormente, o seu estado se agravava e ela passou a conviver com frequentes desmaios, que a levavam a ficar inconsciente por horas. Mesmo assim, durante a sua adolescência, Maura, além de aprender a pilotar aviões, também se casou com Jair de Almeida Praxedes, um de seus colegas aviadores.

8 Para saber um pouco mais da vida e da obra da repórter, olhar: *Site Biography*. Disponível em: <https://www.biography.com/people/nellie-bly-9216680>. Acesso em: 10 abr. 2018. Ademais, em 2015, foi lançado um filme baseado no livro de Nellie Bly, intitulado de: *10 days in a madhouse*, com direção de Timothy Hines.

9 Em 2015, foi lançada uma coletânea contendo os dois livros da escritora Maura Lopes Cançado, no qual há um *perfil biográfico* escrito pelo jornalista Maurício Meireles.

10 Sobre as *reportagens de Nellie Bly*, ver: QUEIROZ, Natália Costa Cimó. *O auge de Nellie Bly: uma jornalista estadunidense no final do século XIX*. 125p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

Nesse período, ela teve seu único filho: Cesarion Cançado Praxedes. Logo depois, separou-se de seu marido. Sendo que, em 1945, após a morte do seu pai, o Coronel José Lopes Cançado, a escritora mudou-se para Belo Horizonte e passou a se internar em casas de tratamento mental. Alguns anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou a escrever contos para o Jornal do Brasil. Não demorou muito e foi parar novamente em hospitais psiquiátricos. Dessa vez, no entanto, começou a denunciar os maus tratos que ocorriam nessas instituições.

Entre os anos de 1958 e 1959, Maura Lopes Cançado escreveu de maneira perspicaz o livro *Hospício é Deus – diário I*, no qual lembrava a sua infância e adolescência e, em forma de diário, relatava aquilo que estava enfrentando no hospício. Em 1968 ela publicou seu segundo livro, com o título de *O Sofredor do Ver*, o qual contava com uma coletânea de contos que haviam sido publicados nos jornais cariocas. Em 1972 Maura matou uma interna estrangulando-a com um lençol, ficando, por isso, anos presa. Depois que saiu a autora nunca mais escreveu. Maura faleceu em 19 de dezembro de 1993, aos 64 anos de idade, por causa de uma arritmia cardíaca.

Ponto de partida: os primeiros relatos dentro dos hospitais psiquiátricos

Antes de conhecer os hospícios e conviver com alguns dos internos, Nellie Bly acreditava que os funcionários dessas instituições cuidavam dos pacientes de forma gentil e respeitosa; é o que se observa segundo a seguinte afirmação da jornalista: “[a]s muitas histórias que eu li sobre abusos em tais instituições, considerava exageradas ou então romantizadas, ainda assim, havia um desejo latente de conhecê-las propriamente” (BLY, 2017, p. 6, tradução nossa)¹¹. Essa visão que Nellie Bly tinha pode ser justificada pelo fato de que muitas dessas instituições apresentavam-se “(...) ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas” (GOFFMAN, 1974, p. 70).

Assim que repassada a tarefa de se infiltrar dentro do hospício da Ilha de Blackwell, o primeiro passo dado pela jornalista foi o de aprender como funcionava a rotina das instituições psiquiátricas. Dessa forma, o seu editor lhe repassou tudo a que ela deveria

¹¹ The many stories I had read of abuses in such institutions I had regarded as wildly exaggerated or else romances, yet there was a latent desire to know positively (BLY, 2017, p. 6).

estar atenta bem como o que ela deveria executar durante o plano. Primeiramente, o lugar selecionado por Nellie Bly foi a

(...) Casa Temporária para Mulheres, nº 84 Segunda Avenida. Quando desci a avenida, determinei que, uma vez dentro do lar, deveria fazer o melhor que pudesse para começar minha jornada até a Ilha de Blackwell e o asilo de insanos (BLY, 2017, p. 9, tradução nossa)¹².

Ao se acomodar no local, a jornalista procurou forçar situações para chamar a atenção de todos, a fim de que a considerassem com algum distúrbio mental. Dessa forma, ela poderia realmente adentrar em uma instituição de “tratamento”. A sua tarefa era complicada, visto que gozava de uma boa saúde mental. Mesmo assim, ela continuou com o seu objetivo, no intuito de conseguir os resultados para a sua reportagem. No seu livro *Ten Days In a Mad-House*, Nellie Bly também descreve detalhadamente a sua experiência no lar temporário. Por meio da tática de fingir ser doente mental, em pouco tempo a jornalista conseguiu cumprir com o objetivo de ser internada na Ilha de Blackwell.

No caminho até o asilo de insanos da Ilha de Blackwell, Nellie Bly discorre que

[e] nquanto o vagão era conduzido rapidamente pelos bonitos gramados até o asilo, meus sentimentos de satisfação por ter alcançado o objetivo do meu trabalho foram atenuados pelo olhar de angústia estampado nos rostos de minhas companheiras. Pobres mulheres, não tinham esperanças de um rápido regresso. Elas estavam sendo conduzidas para uma prisão, sem culpa própria, provavelmente de maneira perpétua (BLY, 2017, p. 47, tradução nossa)¹³.

Em 1959, 72 anos após a experiência de Nellie Bly, Maura Lopes Cançado encontrava-se internada em um hospício no Rio de Janeiro.

Acho-me na seção Tillemont Fontes, Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, Rio. Vim sozinha. O que me trouxe foi à necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo (CANÇADO, 1979, p. 30).

A escrita do diário de Maura Lopes Cançado pode ser entendida, segundo Wadi (2017, p. 11), como sendo uma dualidade de sentimentos, “ora achando-se no dever de

12 (...) Temporary Home for Females, No. 84 Second Avenue. As I walked down the avenue, I determined that, once inside the Home, I should do the best I could to get started on my journey to Blackwell's Island and the Insane Asylum (BLY, 2017, p. 9).

13 As the wagon was rapidly driven through the beautiful lawns up to the asylum my feelings of satisfaction at having attained the object of my work were greatly dampened by the look of distress on the faces of my companions. Poor women, they had no hopes of a speedy delivery. They were being driven to a prison, through no fault of their own, in all probability for life (BLY, 2017, p. 47).

publicar o diário como forma de denunciar a vida na “cidade triste¹⁴” e, assim, ensinar sobre o que não gostaria de estar vivendo; ora não desejando nada mais do que simplesmente escrever (...).”

As primeiras experiências de Nellie Bly dentro da instituição já foram intensas, tanto pelo tratamento recebido dos funcionários quanto pelos primeiros contatos com as internas. Inicialmente, a jornalista conversa com uma senhora e lhe pergunta se ela tem algum problema mental, ao que ela lhe responde "Não". "Os médicos têm me feito muitas perguntas curiosas, me confundido o máximo quanto possível, mas não há nada de errado com o meu cérebro" (BLY, 2017, p. 34, tradução nossa)¹⁵.

Ao andar pelo pavilhão em que estava ficando, a jornalista descreve que havia muitas doentes mentais, mas também muitas pessoas que não tinham nenhum distúrbio. Diante disso, pode-se verificar que a escrita de Nellie Bly fica mais crítica. Ela escuta de outra interna que os médicos não costumavam acreditar nas pessoas internadas, e que seria perda de tempo relatar alguma coisa aos funcionários da instituição. A partir desse episódio, a jornalista começa a por em xeque os métodos que eram utilizados pelos psiquiatras para diagnosticar se o indivíduo tinha ou não doença mental.

Observando e participando: as experiências e relações dentro dos hospícios

As primeiras observações de Nellie Bly foram, na medida do possível, “naturais” para quem estava em uma instituição psiquiátrica durante o século XIX. Ela descreve que algumas internas “(...) pareciam tão perdidas e sem esperança. Algumas conversavam coisas sem sentido com pessoas invisíveis, outras riam ou choravam sem rumo (...).” (BLY, 2017, p. 55, tradução nossa)¹⁶. De acordo com o sociólogo estadunidense Erving Goffman,

[n] o hospital psiquiátrico, o ambiente e as regras da casa recordam ao paciente que é, afinal de contas, um caso de doença mental que

14 Em seu livro, Maura Lopes Cançado chama de “*cidade triste*” o “hospício” no qual estava internada.
15 "No," she said. "The doctors have been asking me many curious questions and confusing me as much as possible, but I have nothing wrong with my brain" (BLY, 2017, p. 34).

16 (...) looked so lost and hopeless. Some were chattering nonsense to invisible persons, others were laughing or crying aimlessly (...) (BLY, 2017, p. 55).

sofreu algum tipo de colapso social no mundo externo, tendo fracassado de alguma forma global, e que aqui tem pequeno peso social, pois dificilmente é capaz de agir como pessoa integral (GOFFMAN, 1974, p. 130).

A primeira refeição, no entanto, já deixava bem claro que Nellie Bly não estava em um local onde os pacientes eram bem atendidos. A comida tinha um gosto ruim e era de péssima qualidade. Aliás, dos outros autores e autoras que escreveram livros sobre hospícios desta época, quase sempre a alimentação foi muito criticada. Além de serem servidos alimentos sem sabor e sem gosto, a falta de higiene era um fator recorrente.

Maura Lopes Cançado também discorre sobre a alimentação dentro de um desses locais ignominiosos. Segundo Cançado (1979, p. 51), “[a] comida é infame e fria. Dizem ser a mesma dos funcionários, mas não é verdade. Dr. Paim assegurou-me que esta comida é excelente. Por que não passa S. Exa. o Diretor, a tomar refeições com as doentes?”. Pode-se perceber que a escritora, resolutamente, além de descrever o quanto era ruim a comida, também questiona que a alimentação dos funcionários e dos internos eram diferentes, uma boa e a outra ruim. Além disso, frequentemente ela reclamava em seu diário que ficava sem comer. Em uma noite, ela escreve: “[d] eve ser meia-noite; sinto muita fome. Maria de Oliveira está de plantão, não quis dar-me nada para comer” (CANÇADO, 1979, p. 181).

Um fator importante nas denúncias de Nellie Bly era em relação ao frio que adentrava pelas janelas do hospital. A jornalista revela em seu livro: “ por quase toda a noite ouvi uma mulher chorar de frio e implorar a Deus que a deixasse morrer” (BLY, 2017, p. 69, tradução nossa)¹⁷. Não obstante, a sede também castigava as pacientes, principalmente no período da noite.

A escritora Maura Lopes Cançado revela que, na cidade do Rio de Janeiro, dentro do hospital Gustavo Riedel também era bastante frio à noite.

Faz muito frio. Estou em minha cama, as pernas encolhidas sob o cobertor ralo. Escrevo com um toquinho de lápis emprestado por minha companheira de quarto, dona Marina. O quarto é triste e quase nu: duas camas brancas de hospital. Meu vestido é apenas o uniforme de fazenda rala sobre o corpo. Não uso *soutien*, lavei-o, está secando na cabeceira da cama. Encolhida de frio e perplexidade, procuro

¹⁷ Nearly all night long I listened to a woman cry about the cold and beg for God to let her die (BLY, 2017, p. 69).

entender um pouco. Mas não sei. É hospício, deus – e tenho frio (CANÇADO, 1979, p. 34).

Na hora do banho Nellie Bly descreve que as pacientes foram levadas para um banheiro frio e úmido. E o pior, a água estava gelada. A repórter reclama sobre os materiais que eram fornecidos no banho e é respondida pela funcionária: “Você está em uma instituição pública agora e você não pode esperar receber nada. Isso é caridade e você deveria estar agradecida pelo que recebe” (BLY, 2017, p. 58, tradução nossa)¹⁸. Ela ainda tenta argumentar que os funcionários são pagos para desempenharem bem o seu trabalho com os pacientes, porém é em vão. Essa tentativa de fala dos internos a fim de serem ouvidos por parte dos funcionários era quase sempre ignorada.

Segundo Goffman (1974, p. 19), “[o]s participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados”. Além disso, em conformidade com Cançado (1979, p. 92), “[n]aturalmente o hospital conta com um diretor, autoridade máxima de quem se ouve falar raramente. A pessoa que fala aguça o corpo e se arma de uma dignidade terrível: ‘- O diretor quer assim. Ordens do diretor’. Soa cavo, ameaçador.” Correlacionado a isso, Nellie Bly discorre sobre a questão das queixas aos médicos. De acordo com a jornalista, “os doentes sabem que é inútil dizer qualquer coisa, pois a resposta será que é sua imaginação” (BLY, 2017, p. 85, tradução nossa)¹⁹.

Em relação aos psiquiatras, diz Cançado (1979, p. 93): “[c]ostuma vir aqui até nos domingos. Mas não encara o doente mental como devia fazê-lo. Dá dezenas de eletrochoques, faz insulina e outros tratamentos – e de psicologia não entende bulhufas”. Tendo isso em vista, Machado (1978, p. 458) pondera que a premissa médica é “(...), meramente burocrática, não permitindo que o hospício seja um lugar de conhecimento da loucura e de restabelecimento do doente mental”.

Voltando a atenção ao tratamento dispensado às internas na Ilha de Blackwell, Nellie Bly conta que as mais perigosas e violentas do hospício estadunidense ficavam em

¹⁸ “You are in a public institution now, and you can't expect to get anything. This is charity, and you should be thankful for what you get” (BLY, 2017, p. 58).

¹⁹ “Even the sick ones know it is useless to say anything, for the answer will be that it is their imagination” (BLY, 2017, p. 85).

um local chamado de “gangue das cordas”, nesse lugar as internas ficavam amarradas umas nas outras por meio de cintos.

Maura Lopes Cançado também experimentou muitos procedimentos que eram realizados em hospícios, dentre eles o eletrochoque; “[e] ste tratamento, bastante temido pelos internos, tinha também uso disciplinar, além da assim chamada indicação médica, podendo ser aplicado naqueles que transgrediam as regras de conduta” (LOUGON, 2006, p. 89). A escritora mineira também frequentou o quarto forte, local lúgubre em que ficavam as internas que faziam alguma coisa que desagradasse à equipe dirigente. Em uma de suas passagens ela escreve:

(...) fui presa no quarto-forte várias vezes, fiquei vinte e quatro horas sem comer nem beber, nua no cimento. No dia seguinte as guardas mandaram que dois doentes me levassem para o banho, ainda nua, eles abusavam da minha nudez enquanto elas riam muito divertidas (CANÇADO, 1979, p. 46).

Dentro dessas instituições fazia-se necessário cultivar laços de amizade e companheirismo, o que pode ser enxergado como um ato de defesa e proteção, ao passo que essas relações de confiança uniam de um mesmo lado aquelas pessoas que estavam enfrentando os mesmos problemas. Ou seja, os internos se fortificam perante a equipe dirigente. Na maioria das vezes, contudo, os pacientes ainda continuavam sendo os mais frágeis nessa relação de poder. Ademais, do lado de dentro do muro, o interno frequentemente era tratado como sendo apenas mais um número no meio de uma massa de alienados.

Como já foi citado aqui nesta pesquisa, muitas das pessoas que eram internadas nos hospícios não sofriam de nenhum problema mental. Entretanto, com o passar do tempo, muitos começavam a desenvolver algum distúrbio resultante de vários fatores, dentre eles, o uso de medicamentos específicos para doentes mentais e eletroconvulsoterapia. É interessante interligar esses fatos à reflexão feita pela jornalista Nellie Bly: pegue uma pessoa,

(...) feche-a e faça com que ela se sente das 6:00 da manhã até as 8:00 da noite em bancos retos, não permita que ela fale ou se mova durante essas horas, não dê a ela nenhuma leitura e não deixe que ela saiba nada sobre o mundo e seus feitos, dê-lhe comida ruim e tratamento severo, e veja quanto tempo demorará até que ela perca

sua sanidade. Dois meses tornariam-na um desastre físico e mental (BLY, 2017, p. 68, tradução nossa)²⁰.

Quando concluiu a tarefa de ficar dez dias internada em um hospício e escrito a sua reportagem, Nellie Bly foi retirada da instituição.

Pouco depois de ter me despedido do Asilo Insano da Ilha de Blackwell, fui intimada a comparecer perante o Grande Júri. Respondi à intimação com prazer, pois ansiava por ajudar os filhos mais infelizes de Deus, os quais eu deixara, prisioneiros, para trás. Se eu não pudesse trazer-lhes a dádiva das dádivas, liberdade, eu esperava pelo menos influenciar os outros a tornar a vida deles mais suportável (BLY, 2017, p. 89, tradução nossa)²¹.

Graças a reportagem de Nellie Bly, em abril de 1894, a instituição recebeu uma boa quantia em dinheiro, além de mudanças que a repórter propôs ao hospital.

A escritora Maura Lopes Cançado, após publicar seu livro Hospício é Deus – diário I, em 1965, ainda continuou a sua vida com constantes internações em outras instituições. Sua obra foi muito importante para a sociedade brasileira.

Considerações finais

A partir do desenvolvimento desta pesquisa fez-se possível a identificação de diversos fatores que resultavam na internação de pessoas em hospícios durante os séculos XIX e XX. Doentes mentais ou simplesmente pessoas que eram estereotipadas como sendo loucas configuravam os indivíduos encerrados por trás dos muros desses asilos de insanidades. Analisa-se, assim, por meio dos levantamentos do estudo em questão, que algumas instituições psiquiátricas datadas desses períodos não estavam interessadas em cuidar dos pacientes, mas sim em mantê-los agrupados de modo que estes não atrapalhassem a vida das pessoas ditas como “normais”.

20 (...) shut her up and make her sit from 6 A. M. until 8 P. M. on straight-back benches, do not allow her to talk or move during these hours, give her no reading and let her know nothing of the world or its doings, give her bad food and harsh treatment, and see how long it will take to make her insane. Two months would make her a mental and physical wreck (BLY, 2017, p. 68).

21 Soon after I had bidden farewell to the Blackwell's Island Insane Asylum, I was summoned to appear before the Grand Jury. I answered the summons with pleasure, because I longed to help those of God's most unfortunate children whom I had left prisoners behind me. If I could not bring them that boon of all boons, liberty, I hoped at least to influence others to make life more bearable for them (BLY, 2017, p. 89).

Com este trabalho que permitiu caracterizar e analisar um pouco mais os hospícios, também foi possível obter um maior conhecimento sobre quem foi Nellie Bly e Maura Lopes Cançado. As obras da jornalista e da escritora lançam mão de um olhar muito importante e peculiar sobre a temática em foco, olhar este próprio de quem realmente viveu as experiências de internação em instituições psiquiátricas.

A grande colaboração de ambos os livros para o momento histórico em que foram publicados deve ser destacada, uma vez que fizeram com que muitas pessoas refletissem e descobrissem como realmente eram as instituições para doentes mentais em sua época. Do mesmo modo, também na contemporaneidade essas obras são de muito valor para pesquisadores de diversas áreas, principalmente para aqueles que trabalham com a questão da loucura.

Espera-se, portanto, que esse artigo possibilite a leitura e a reflexão sobre como era a realidade de um interno em uma dessas instituições psiquiátricas, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. É crucial ressaltar que o estudo em questão aponta também que, nos últimos tempos, houve muitos avanços no tangente ao tema da loucura; no entanto, os indivíduos que possuem algum tipo de transtorno mental ainda enfrentam muitas dificuldades em relação a tratamentos e assistência.

Referências Bibliográficas

AMARANTE, Paulo. (coord.) **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

BARRETO, Lima. **Diário do Hospício**; O cemitério dos vivos; prefácio Alfredo Bosi; organização e notas Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BLY, Nellie [Elizabeth Cochran Seaman]. **Ten Days in A Mad-House**. Scotts Valley: Create Space, 2017.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus**: diário I. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

JUCÁ, Viádia. A cura em saúde mental: história e perspectivas atuais. In: WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org). **História e Loucura**: saberes, práticas e narrativas. Uberlândia: Edufu, 2010, v. 1, p. 177 – 213.

LOUGON, Maurício. **Psiquiatria institucional**: do hospício à reforma psiquiátrica. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Coleção Loucura e Civilização).

MACHADO, Roberto. et al. **Danação da norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício da Diamantina**: a loucura na cidade moderna. 1. ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

RIBEIRO, Raphael Alberto. A loucura entre dois mundos: práticas de intervenção médica e assistencialismo no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970). In: WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org). **História e Loucura**: saberes, práticas e narrativas. Uberlândia: Edufu, 2010, v. 1, p. 307 – 330.

WADI, Yonissa Marmitt. Um lugar (im) possível: narrativas sobre o viver em espaços de internamento. In: WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org). **História e Loucura**: saberes, práticas e narrativas. Uberlândia: Edufu, 2010, v. 1, p. 331 – 362.

_____. “Estou no hospício, Deus”: problematizações sobre a loucura, o hospício e a psiquiatria no diário de Maura Lopes Cançado (Brasil, 1959-60). Asclepio. In: **Revista de Historia de la Medicina y de La Ciencia**, 69 (2): 196, julio-diciembre, 2017. Disponível em: <http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/753>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Sobre o autor:

Edivaldo Rafael de Souza é professor regente de aulas da rede estadual de Minas Gerais. É Graduado em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM) e Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Sociologia pelo Instituto Superior de Educação Ateneu (ISEAT). E-mail para contato: edivaldorafael007@gmail.com